



De improviso

Marcus André Vieira

Encerramento do XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – Os Nomes do Amor, Belo Horizonte, 2006.

Palavras-Chave: contingência, final de análise, psiu de luz, Lacan.



Nosso hábito é que o fechamento seja uma abertura.

Não partilhamos com a Igreja da fé que funda a força do “vamos em paz...”.

Concluimos, então, nossos encontros, abrindo para o próximo.

Essa abertura se materializa com um objeto no futuro, que não tem forma muito precisa, mas que está lá à nossa espera.

Nossa abertura dessa vez é diferente. O evento de hoje, brasileiro, abre-se para o de amanhã, americano, o que representa um corte com dezesseis anos de encontros brasileiros anuais.

Isso talvez seja um sinal de que os horizontes da EBP não se fixam na geografia. No mínimo, não podem mais se desenlaçar dos horizontes da América.

A série de nossos encontros brasileiros do campo freudiano prossegue, mas o próximo só virá em 2008. Mas nem tudo está em aberto no futuro. Não há tema ainda, mas já está definido que serei o diretor geral da EBP. É a esse título que falo a vocês, o de um diretor porvir.

Mais importante: também já está escrito que prosseguirei um projeto. Hoje faço parte da Diretoria de Jordan Gurgel, com Marcelo Veras, e darei seguimento ao que vimos implementando quanto a uma presença decidida da EBP na cidade.



Mas não apenas a abertura do horizonte da EBP me colocou aqui.

A contingência fez com que eu aqui estivesse também pelo descontrole de nosso espaço aéreo. Esse descontrole me extraiu do futuro, do futuro que havia planejado para mim a comissão científica (a primeira plenária).

Acho que não devemos concluir este encontro tão marcado pelo imprevisto sem registrar como pudemos extrair algo melhor dos balcões da Gol do que um assento bem definido no futuro (por mais que tanto se tenha lutado, às vezes com unhas e dentes, por ele).

Tivemos que improvisar. Assim como tantos aqui em Minas, que depois de tanto trabalho ao longo do ano para organizar tiveram que reordenar, decidir no imediato e sem informações e depois cruzar os dedos (aqui é preciso nomear e agradecer a Ram Mandil e Cristina Drumond que sintetizaram como poucos esses tantos), assim como tantos dos que como eu vieram de longe tiveram também que improvisar.

O improviso de ter que comprar às pressas roupas na CA porque as malas haviam sido extraviadas, de tomar o primeiro ônibus, ou ainda, por incrível que pareça, de descobrir-

se em meio a conversas inesperadas, encontros felizes, no saguão do aeroporto, ou em longas viagens de carro (no meu caso, me senti fazendo parte de um *road-movie* com amigos deliciosos).

Em muitos casos, descobrimos que trocamos dinheiro e tempo por alguma coisa imprecisa. Mas essa coisa imprecisa é que nos dá a certeza de que valeu.

É difícil explicar isso para os que, fora de nossa comunidade, tentam colocar em uma balança este “valeu”. Como? Como tantos se mobilizam em pleno feriado e decidiram (como a comissão do evento, a presidência e a diretoria da EBP, nossos convidados), bancar um evento diante de tantas circunstâncias adversas? Ninguém entende, por exemplo, as esposas, pior exemplo, a minha.

Então, creio que talvez esta minha fala, nessa situação inesperada, que me conduz a um lugar de encerramento sem objeto no futuro, quase que pura abertura, me permita destacar como é possível, exatamente como tantos puderam neste encontro, deste ponto de pura abertura, extrair uma certeza.



É isso uma análise. Produzir do encontro uma certeza. Que nada deve a um mestre hermenêuta que explicaria porque fizemos como fizemos.

Para isso, como me lembrou ontem um amigo querido, a psicanálise funciona acionando o que Lacan assinala como “Futuro anterior”. O futuro anterior não é um “estava escrito” (quando no presente define-se alguma coisa, que a partir dessa definição passa a encontrar suas causas e antecedentes no passado).

Em uma análise, quando se exclama “então era isso!”, não é um “estava escrito”. Deve-se ouvir ali um “terá sido”. Trata-se de algo que não mais é, que nada mais é do que era, mas que ao apresentar-se como o que era, produz uma tal certeza de que ali houve um verdadeiro acontecimento que esta se prolonga e continua no futuro (não mais como fato, apenas como certeza).

Como quando dizia Nelson Rodrigues na segunda-feira, sobre a uma vitória do Fluminense na véspera: “estava escrito desde os primórdios que este fla-flu era tricolor, e a retumbante vitória de ontem ecoa e ecoará pelos séculos e séculos vindouros”.

Essa é a certeza que ganhamos quando uma aparente explicação (do sintoma), tem efeito de nomeação. Neste caso ela convoca no presente o passado, apenas para desfazer um nó e liberar a potência da causa em si. A vivência dessa pura certeza tem um nome: “entusiasmo” (como nos situou Bernardino Horne).

É o que nos permite dizer “o melhor lugar do mundo é aqui e agora”.

Não porque somos obrigados a ser felizes ou por achar que somos melhores que o vizinho, por termos pegado o bom avião. Isso é bem diferente também da presentificação contemporânea, do sentimento de vivemos um eterno presente (pois o que importa é gozar).

Não há análise sem passado. É preciso que ele se apresente, porém, agalmatizado, com a causa inscrita nele. É o que permite que lá encontremos surpresas e não apenas arquivos embolorados (assim está escrita a história de nossa escola, pois se algo ela tem sua história é entusiasmo).

Esta causa indefinida, este “algo nas mãos”, essa certeza de que valeu, é o que projeta para nós um futuro como de Nelson Rodrigues. Seguimos com a concretude de uma causa, que não podemos dizer integralmente o que é, mas que exatamente por isso não nos prende a modos de ser ortopédicos ou a estratégias fixas.

Assim, com a causa analítica, feita de um objeto disforme, se faz nossa política.



Creio que é o que Lacan destaca sobre a sabedoria psicanalítica (bem diferente da eternidade de um saber de barbas brancas, sem surpresa) no “Discurso de Roma” dos *Outros escritos*, por exemplo, em que se lê, a propósito da sabedoria analítica:

...tem um aspecto que nunca enganou ninguém, desde que o homem começou a enfrentar seu destino (...) é um Gaius saber. Ela se abre, subverte, canta, instrui e ri. É toda linguagem. Alimentem-se de sua tradição, desde Rabelais até Hegel. Abram também os ouvidos para as canções populares, para os maravilhosos diálogos de rua...

Neles, seguindo Lacan, revela-se algo muito distinto da cifração universal em curso, da burocratização dos saberes e da uniformização dos espíritos, tão brilhantemente denunciada por J. A. Miller.

Vejam o Passe de Mauricio Tarrab. Ele nos deixa sem fôlego.

Que incrível essa psicanálise! Que nos dá a certeza de que um sintoma de sufocação pode ser sinal de cura!

O sopro de Maurício não é mais o que foi para ele. Ele não nos infla, mas sim lança-nos em direção ao futuro de cada um e ao futuro da Escola.

Isso é o que me permite dizer que com certeza estamos no futuro.

Porque teremos outro grande Encontro, porque o trabalho da Diretoria prosseguirá quando sucederei a Jordan, assim como a Jorge Forbes, Celso Rennó, Maria do Carmo Dias Batista, Angelina Harari, Elisa Alvarenga (sem contar nossos presidentes).

Porque estaremos nas seções e delegações, nos Institutos e clínicas de atendimentos.

Assim como nos tantos postos de destaque no poder público e na universidade.

O essencial é que ali, em nossa reconquista do campo freudiano, não estaremos lutando uma guerra, nem mesmo estaremos nos batendo em uma espécie de corpo a corpo para buscar a vitória da psicanálise. Só usando este nosso impreciso objeto é que (para, concluir a citação de Lacan):

vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem, e o sentido da linguagem sem o qual jamais libertarão a fala.

Obrigado.